

Para o homem de hoje, sobretudo para aquele que deverá seguir-nos e à fragorosa derrocada iminente, a missão do espírito apresenta-se com diferente aspecto. Não pode desejar-se uma ascensão espiritual às alturas distantes da beatitude eterna, de que nos fala Leibnitz nos «Ensaio de Teodiceia», ou ao poder de revivescência divina com que Renan sonhava num exagêro lírico do seu racionalismo contraditòriamente *dilletante*. Menos ainda que se confesse a impotencia integral do homem nos três estados de ilusão que Hartmann descreve ou no catastrófico impulso para o mal em que Schopenhauer exprimia as difíceis propensões da sua psicologia estranha.

No nosso tempo, uma divagação transcendental com esse carácter inibitório só poderá ser o refúgio de um pensamento incapaz de realização positiva e de aberta e ardente aspiração humanista. É verdade que esse pensamento surge sem remédio nas épocas em que uma aparente e falsa pacificação parece deter o homem em duradoura mediocridade colectiva; ou, pior ainda, em que uma errada, muitas vezes monstruosa concepção do progresso aparenta a impossibilidade de conduzir o esforço no sentido do justo e do inteligente. O que é perigoso e decadente é que se sustente esse estado de consciência — muitas vezes alargado dramaticamente a estado de alma — nas épocas em que se exige sobretudo uma vigorosa energia do entendimento para resistir e vencer. Doutro modo, não pode analisar-se o passado com justiça, compreender-se o futuro com o heroísmo de quem reconhece o alcance humano da inteligência e da vontade na criação em que todos, colaboram bem ou mal.

No «Wilhelm Meister», historia Goethe uma hipotética *Sociedade da renúncia* em que o passado e o futuro eram esquecidos sistematicamente por todos os seus membros. Não é essa atitude de eunuquismo mental e moral que nos compete, quando a perspectiva dramática do mundo comum a todos alaga como uma onda despedida.

O presente não pode constituir para nós uma fácil utilização da capacidade de esquecimento; já não póde chamar-se a isso liberdade, mas abdicação; não póde chamar-se transcendência, mas sim impotência criminosa.

Liberdade é a de exercer o direito da justiça e aceitar a posição que melhor a defende — sempre uma afirmação e nunca uma renúncia. Para isso, não basta *compreender*, na acepção passiva do termo, pois que o puro entendimento, como nota Alain, é uma espécie de jôgo, nem sempre muito saudável, em que se circula sem avançar.

Se antes de tudo é necessário *conceber* — e ilimitadamente, para que a aspiração tenha grandeza e chama de ideal — também é preciso que o pensamento seja revestido de uma vontade de acção; que o acompanhe uma alma forte, uma confiança esclarecida, um senso enérgico das realidades que se aceitam ou recusam; e ainda um poder de espírito convicto de que toda a realização humana é possível, desde que a visão positiva do mundo acompanhe uma vontade firme e construtora.

## CONDOTTIERE, um filme de Luís Trenker

por Manuel de Azevedo

O aparecimento de um filme de Luís Trenker, embora não provoque a sensação de uma obra de Chaplin ou mesmo de Fritz Lang, desperta apreciável interesse e curiosidade por parte do público.

Não sendo um renovador, servindo-se, bem ao contrário, de processos um tanto antigos e alheios, Trenker sabe dar aos seus filmes um forte cunho de personalidade, que os torna inconfundíveis e nos quais se reflete a sua alma rude de artista, amante das montanhas e cultor fervoroso do cinema.

Em «Condottiere», com a mesma simplicidade de processos, a mesma beleza de exteriores, desta vez distribuídos com mais inteligência, dá-nos a história de Giovanni, um lombardo, fidalgo de gema e camponês de hábitos, salteador regenerado, a um tempo simplório na sua mística e aventureiro ambicioso.

E' o próprio Trenker, tal como o faz em anteriores trabalhos seus, quem nos dá o protagonista, sóbrio de expressões e enérgico de atitudes. Ei-lo que mata um vizinho para o roubar e se arrepende; ei-lo que resolve conquistar o Burgo de seus pais em poder de César Bórgia. E aí vai êle, através das montanhas, com alguns companheiros. Venceu, mas não está satisfeito. Quere a pátria unida, poderosa, possivelmente debaixo do seu comando.

Organiza então um enorme exército, à custa de Nino, um trovador que lhe cativa os soldados e, ao mesmo tempo, lhe procura a companheira de infância. Realiza o seu ideal amoroso, mas não satisfaz os desejos políticos pois é morto em combate. E assim termina «Condottiere», numa esplendida composição cinematográfica, sobrepondo-se ao seu rosto bronzeo o bronze de uma estátua, tumular — um excelente achado para finalizar o filme. O auxílio que Trenker

obteve do govêrno italiano serviu-lhe para poder apresentar um exército lombardo poderoso, bem apetrechado, numeroso, com evoluções de cavalaria e paradas aparatosas.

///

«Cinema é essencialmente um ritmo de imagens». Assim o compreendeu Trenker e, por isso, em todos os seus filmes elas são belas e escolhidas com metucioso cuidado.

Contudo, é preciso notar que, com excepção dos documentários, a imagem não deve emocionar apenas por ela própria mas sim pelo que sugere, relacionado com o assunto — razão do filme.

E' disso que freqüentemente se esquece Luís Trenker; os seus filmes estão cheios de belas imagens, é certo, mas nem sempre ao serviço da ideia; estão muitas vezes ali por elas próprias; **estão a mais.**

Parece que êle mesmo se apercebe disto, pois em «Condottiere» é evidente o esforço que faz para dar mais continuidade e ritmo cinematográfico à película. Embora o não conseguisse totalmente é de louvar essa preocupação de aperfeiçoamento.

O pior defeito do filme resulta do assunto em demasia rígido e pouco emocional para público como o nosso amante de histórias com um fundo essencialmente romântico.

Mas, com o presente trabalho, Luís Trenker consegue dar-nos um filme de certo movimento e de estrutura cinematográfica muito razoável, prender a atenção do espectador às suas imagens, emocionar-nos, por vezes, embora não conseguisse fazer-nos intristar pelo seu Giovanni d'Itália, nem intristecer-nos com o lance trágico que cortou todas as suas ambições, todas as suas miragens místicas.

O público viu o filme com agrado mas mal se apercebeu do argumento!